

FH não será mais refém de partidos

■ Presidente prevê negociação mais difícil com o PFL

SONIA CARNEIRO

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso não se abalará se o PFL entregar os cargos que tem no primeiro escalão – e se sentirá até aliviado se isso acontecer. Se o PFL quer independência, também o presidente deseja mais liberdade para governar, abandonando a condição de refém de aliados que exigem barganhas a cada votação no Congresso.

Em reunião marcada para quinta-feira, o PFL ratificará a posição de independência e condicionará seus votos ao aumento do salário mínimo para US\$ 100. Mas não entregará os cargos que ganhou: quatro ministérios – Previdência, Minas e Energia, Esportes e Turismo, e Meio Ambiente –, a presidência e todas as diretorias da Caixa Econômica Federal e uma importante diretoria da Petrobras. “Não vamos mais dizer sim quando tivermos que dizer não”, afirmou o líder do PFL, no Senado, Hugo Napoleão (PI).

Irreversível – Fernando Henrique encarregou o secretário-geral da Presidência, Aloysio Nunes Ferreira, de encontrar uma solução para o impasse na base governista na Câmara dos Deputados, respeitando os interesses de cada partido. O presidente considera a situação irreversível e vai procurar uma nova forma de relacionamento com o Congresso.

O PFL já aceita a queda para terceira bancada na Câmara dos Deputados, posição a que foi relegado pelo bloco majoritário que PSDB e PTB formaram. Mas os pefelistas não abrem mão de eleger o líder do PFL, deputado Inocêncio de Oliveira (PE), presidente da Câmara no ano que vem e vão lançar candidato próprio à sucessão de Fernando Henrique, em 2002. O PSDB já se prepara para



Fernando Henrique: crise na base aliada é uma disputa entre partidos da qual quer distância

Henrique alertou Aécio para a reação do PFL, mas o líder tucano, depois de conversas com o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, selou a aliança com os petebistas na noite seguinte.

Na sexta-feira, Fernando Henrique deu ao presidente da Câmara, deputado Michel Temer (PMDB-SP), a missão de ajudar a contornar a crise, já que a luta se trava por mais espaço dentro da Casa. “Não vou interferir”, repetiu Fernando Henrique a Temer. O presidente

PMDB, senador Jáder Barbalho (PA), que não assusta mais. Quando Jader não concorda com uma proposta de interesse do governo, dizem assessores do presidente, põe a boca no trombone, mas abre negociação. As conversas vão e vêm. A solução nem sempre agrada a todos, mas se chega ao possível para os dois lados.

Fernando Henrique está preparado para negociar com o PFL as propostas de interesse do governo item por item. Ele considera que

zer que o presidente vá deixar em segundo plano as votações das Leis de Responsabilidade Fiscal e de Desvinculação de Recursos da União (DRU), que ainda não tiveram a aprovação do Senado. O presidente já perdeu, entretanto, o interesse em aprovar a vinculação das receitas dos estados à área de saúde. Quanto à ameaça de promulgação da emenda que restringe o uso de medidas provisórias (MPs), Fernando Henrique reconhece que ficará em situação difícil se isso aconte-

Hélio Romero – 18/2/2000